



RESUMO

O presente artigo pretende apontar posicionamentos acerca da docência-artística a partir do conceito de desterritorialização, tomando algumas experiências no campo da docência em Artes Visuais, de atividades acadêmicas e de investigação como aportes para a discussão em torno do tema. Há relatos do investigador que partem de sua licenciatura em Artes Visuais, passando pelas experiências docentes até chegar no momento atual em que realiza seu doutoramento, com o foco neste tema tratado. Vê-se neste texto, a docência e a arte enquanto territorialidades em um processo de abertura para desterritorializarem-se e reterritorializarem-se juntas em um novo espaço. Esse novo espaço é tomado como uma multiterritorialidade, pois além de abarcar docência e arte, encontra-se aberto para outras contaminações, para se deixar afetar pelas outras territorialidades que encontram-se conectadas em rede.

PALAVRAS-CHAVE: docência-artística; desterritorialização; multiterritorialidade

ABSTRACT

This article aims to point the positions about teaching-artistic from the concept of deterritorialization, considering some experiences in the field of visual art teaching, in academic activities and the research as contributions to discuss about this theme. There are researcher reports from the author degree in Visual Arts, passing through the teaching experiences to arrive at the current moment that He develops on his Ph.D., with the focus on this topic discussed. In this text one can see that teaching and art as territorialities in a process of openness to deterritorialization and reterritorialization together in a new space. This new space is taken as a multiterritoriality, as well as encompasses teaching and art, it is open to other contaminations, to let it be affected by other territorialities that are interconnected.

KEYWORDS: teaching-artistic; deterritorialization; multiterritoriality.

Este texto trouxe para mim a possibilidade de revirar o baú que venho enchendo desde que iniciei minha trajetória acadêmica e desde quando comecei a pensar sobre a profissão que venho desenhando ao longo de minha formação.

Essas retomadas são quase sempre exercícios muito produtivos e que nos ensinam algo. Rever e repensar certas práticas faz-nos ponderar se aquilo que fomos ainda é válido para ser no presente, se o que nos afetou um dia continua a afetar agora e como as mudanças constituem nossos modos de ser e de pensar.



Posso dizer que venho desde a licenciatura em Artes Visuais pensando a respeito da formação docente, mas ao longo desse caminho diversos atravessamentos colaboraram para que eu reafirmasse ou mudasse minhas opiniões e muitos foram os rearranjos e as remodelações para contemplar meus anseios de pesquisa.

Esta escrita gira em torno de minhas próprias práticas acadêmicas e docentes e dos atravessamentos que aconteceram nesse caminho de formação. Servem como base para tratar de uma ideia que venho há muito tempo discutindo, de uma constituição de docência-artística.

É um modo de ser que pode estar permeado pelas atividades acadêmicas da formação inicial, mas que não se limita a isso, busca tecer relações com os diversos campos que atravessa no decorrer da vida.

Investigo neste momento a docência-artística como um campo multiterritorial¹. E para este texto lanço algumas pontuações que já venho produzindo a esse respeito. Tenho buscado compreender a docência e a arte como territorialidades que são desterritorializadas para reterritorializarem-se juntas em um novo campo, o da docência-artística.

Por estarmos sempre conectados com outras territorialidades e nos contaminarmos delas, de outras práticas pertencentes a outros campos, essa nova territorialidade que surge é entendida como multiterritorialidade.

Sinta-se convidado(a) a entrar nesses espaços docente-artísticos pelas ideias que aqui pontuo e fazer reverberar em suas vozes e escritas outras ideias acerca da docência e da docência-artística.

Constituição de uma docência-artística



Considero-me professor-artista. Desde minha licenciatura em Artes Visuais venho pensando a respeito não só das nomenclaturas, mas também das profissões de professor e de artista, e de como elas entrecruzadas podem produzir algo em mim e no campo profissional em que atuo.

Minha formação inicial foi realizada na Universidade Federal de Santa Maria e durante o curso passei por disciplinas ligadas à produção artística e outras ligadas à docência. Mas foi no momento de preparar um projeto para a realização do estágio supervisionado que vi minhas produções de arte e docência se entrecruzando.

Todos os estudantes a partir do terceiro semestre tinham de escolher um ateliê para desenvolver suas pesquisas artísticas e eu decidi ir para o ateliê de objeto e multimeios. Foi nesse período que comecei a produção de objetos de tecido com palavras bordadas em suas superfícies. Essas palavras vinham de um contexto exterior ao ateliê ou mesmo à faculdade, eram expressões muito particulares vividas somente entre meus amigos e eu.

Elas começaram a aparecer em meus objetos quase que instintivamente, pois havia um humor sarcástico nos formatos dos trabalhos que as palavras sabiam reconhecê-lo. Ou seja, palavra e objeto tinham uma relação de cumplicidade para significar a produção, um precisava do outro.



Imagem 1: Maldita_cuidado que ela morde, 2008
Arquivo do pesquisador

Essa produção com duplo sentido, com sarcasmos e sutilezas penetrou meu pensamento no momento de produzir o projeto de estágio para a docência. Não diretamente, mas principalmente a partir da ideia do jogo - de interpretação, de manipulação - fui estabelecendo relações com a arte contemporânea e a sala de aula, buscando tramar discussões e vivências em torno das produções artísticas táteis, olfativas, sonoras, do paladar e visuais.

Com o desenvolver das atividades na escola fui lançando novas propostas a cada semestre que se iniciava. Foram três semestres de estágio no total. Na altura do segundo semestre em sala de aula, alguns aspectos relativos ao movimento artístico dadaísta como dispositivo à arte contemporânea estavam rondando minha cabeça. A receita de poema dadaísta de Tristán Tzara, teve forte influência para o planejamento das aulas. Assim, trabalhamos com a palavra e com as desconstruções, tanto imagéticas quanto de sentido sobre as coisas.

Essas experiências trouxeram para minha formação inicial uma visão sobre a profissão que estava se delineando,



contaminada por diferentes aspectos vividos e que não se caracterizava apenas como artista ou como professor. Produzi como uma necessidade um modo de ser professor-artista e sigo a produzir-me de tal forma, nessa formação continuada que se dá academicamente, mas também nos contatos e atravessamentos com outros espaços. Nesse processo parece-me vital

Deixar-se capturar pelos intervalos, devanear e permitir-se mergulhos de alice nos passeios por si, ou no completamente fora de si; percorrer-se sem medo de abrir portas, de beber elixires ou de enfrentar jaguadartes [...] (ROMAGUERA, 2111, p. 135)

Em minha experiência docente universitária, tive a possibilidade de trabalhar com estudantes do Design Gráfico, Design de Interiores e das Artes Visuais em uma disciplina de Introdução ao desenho na Universidade Federal de Goiás. Para além das questões técnicas, dos grafismos e dos materiais, busquei trabalhar junto aos estudantes com questões que permitissem desconstruir algumas ideias que cada um vinha trazendo acerca do desenho.

Os estereótipos, os desenhos de *gênios*, a figuração, entre outros aspectos do não saber desenhar, foram na prática sendo discutidos e repensados. Não posso afirmar que todos tenham compreendido que o desenho é democrático e permite que cada um, independentemente da idade ou da formação, desenvolva sua própria grafia e suas maneiras de desenhar. Mas, todos tiveram a chance de experimentar através de exercícios em sala de aula, formas de desenhar diversificadas.

Nesse período minha produção artística estava dedicada ao desenho e à colagem. Tive de interromper a realização de objetos por questões de espaço físico para armazenamento. No campo do bidimensional segui com uma produção que apesar de não haver mais a possibilidade de manipulação tátil, como era com os objetos, tinha as relações e os relacionamentos como fio condutor.



Meus objetos tinham um relacionamento direto com o público, deixavam-se tocar e produziam nas pessoas diferentes sensações com suas texturas e movimentos. Já os desenhos relacionavam-se entre eles. Mesmo quando a representação era de apenas um indivíduo no papel, esse estava em contato com algo que não aparecia ali, mas que poderia estar fora, em outro desenho ou naquele que olhava para o papel.

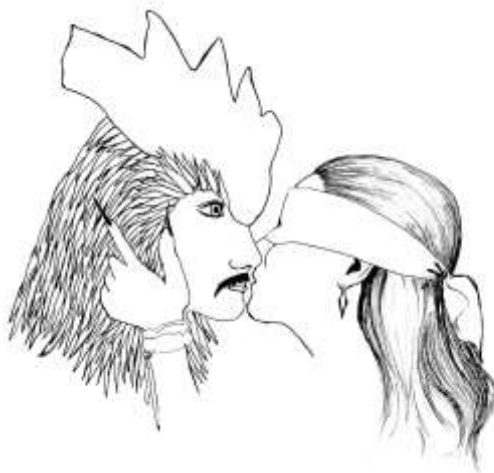


Imagem 2: O beijo, 2012
Arquivo do pesquisador

O sarcasmo e o humor continuavam atravessando minha produção, mas, foi a partir de uma atividade desenvolvida junto aos estudantes que uma nova série de trabalhos começou a aparecer e ganhar força para resistir e existir até os dias de hoje.

Levei para sala de aula uma proposta de realização de desenhos a partir de manchas em papeis, que poderiam ser feitas com diferentes materiais escolhidos pelos estudantes. Como trabalhei essa atividade com quatro turmas, vi e fui contaminado por resultados muito diversificados e senti-me bastante entusiasmado para fazer meus próprios desenhos.

Assim surgiu a Série Abraço, produzida a partir de manchas de café sobre papel. A temática veio ao encontro daquilo que



eu já vinha produzindo, das relações entre os seres, dos afetos, das trocas e mesmo das ausências. Em cada desenho da série é necessário pelo menos um abraço entre eles. Chamo de seres, por não ser possível trata-los por humanos ou por qualquer outro tipo de animal. São híbridos, misturam formas de humanos, aves, quadrúpedes, insetos, etc.



Imagem 3: Série abraço, 2016

Arquivo do pesquisador

Propus também com os estudantes, atividades de desenho a partir de poemas de Manoel de Barros e do Livro de perguntas de Pablo Neruda. Esses escritores estavam presentes em minhas leituras naquela altura e participavam de minhas reflexões artísticas e docentes. Portanto, a entrada deles nas aulas de desenho foram atravessamentos que mais uma vez aconteciam em minhas práticas.

Atualmente estou afastado das salas de aula, pois desenvolvo doutoramento em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Mas venho planejando e já desenvolvendo atividades como oficinas e mini-práticas para



dar continuidade às experiências docentes e, sobretudo, continuar a pensar nas relações docente-artísticas e nos atravessamentos que os diferentes espaços habitados produzem em mim.

Nesses planejamentos tanto as relações com as palavras que estiveram presentes durante minha graduação, quanto as atividades mais atuais que venho vivenciando, participam de alguma maneira, sobrepondo-se umas às outras e tornando minhas práticas docentes sempre diferentes a cada experiência.

É assim que se estabelece um estado docente-artístico em mim, movimentado por situações passadas e presentes, de diferentes campos, com diferentes contatos, e que tem se estabelecido neste momento a partir de viagens, conversas com amigos, seminários e oficinas de arte, visitas a museus, assistindo filmes e séries, lendo livros, produzindo desenhos, colagens e bordados, entre diversas outras situações.

Meu posicionamento acerca da docência-artística não se limita aquilo que pertence ao âmbito da docência e da arte, mas, a partir deles, busco tramar relações com diversas outras situações que permeiam nossos cotidianos.

Pode-se pensar, por exemplo, em como determinados lugares influenciaram a pintura de Paul Cézanne, tais como a montanha de Santa Vitória e as paisagens de Aix-en-Provence, muito frequentes em suas obras. Não foram somente atividades realizadas em ateliê que determinaram sua produção, mas aquilo que esteve presente em outras instâncias de sua vida.

De mesmo modo, as casas noturnas de Paris, lugares onde o artista Toulouse-Lautrec circulou durante grande parte de sua vida, influenciaram sua obra com diversas cenas de festas promovidas nesses ambientes. Se trocássemos os cenários desses dois artistas, certamente teríamos produções diferentes, pois os modos de ver aquelas cenas tinham para os dois motivações próprias de cada um.



Busquei por dois exemplos das artes visuais não por coincidência, mas porque artistas como eles, que trabalharam com o visual e com a representação, nos deixaram registros de suas vivências, de suas visualidades e isso me faz crer que estiveram imersos e foram atravessados por esses ambientes.

Em cada área de conhecimento, em cada profissão, aquilo que nos rodeia, em maior ou menor nível, envolve-se com aquilo que produzimos. É o que costumo chamar de contaminação, às vezes pode ser boa, às vezes pode ser ruim, mas em todos os casos deixam marcas que transformam nossas produções e nossos modos de nos relacionarmos com a vida e com as situações vividas.

Ampliando as vistas

Ser professor-artista é tramar relações poéticas, artísticas e subjetivas com o que se experiencia para a constituição de si e de sua docência. Por isso, devo pontuar que as práticas artísticas não precisam estar necessariamente institucionalizadas, pertencentes ao ateliê ou à galeria de arte, mas incorporadas aos seus modos de ser.

Um(a) professor(a) que se constitui artisticamente é um(a) profissional que antes de escolher técnicas artísticas para elaborar seus planos de aula, pensa artisticamente em como afetar seus estudantes com o conteúdo a ser proposto, em como se aproximar deles, de suas vidas e de suas comunidades.

Corazza lança um olhar sobre a docência que é permeada pela arte fazendo-nos pensar sobre professores em devir-simulacro.

Tal devir-simulacro é composto por processos transversais de artistagem, que permeiam as diferentes subjetividades dos educadores, instauram-se através de cada um deles e dos grupos sociais, realizando uma crítica radical a essas formas determinadas e funções legitimadas. (CORAZZA, 2012, p. 7)



São devires múltiplos que se desdobram entre as diferentes atividades pertencentes a(o) educador(a), inclusive as de sala de aula. A autora afirma que essa postura faz com que cada aula seja diferente da aula-modelo ou da aula-tradicional.

Em entrevista para Oliveira (2013, p.5), Corazza ainda questiona:

Se imitar, copiar, fazer decalque, chafurdar nos clichês, repetir o mesmo não funciona mais, por termos explodido os cercados e as segmentações territoriais do currículo, só nos resta artistar, não é mesmo? Se não, você para, como educador, se burocratiza, torna-se cansado, triste, pesado, grave, senta, chora, culpa os outros... A lei da vida docente vivida, e que vale a pena ser vivida, poderia ser: artistar, de vez em quando, ao menos, para continuar vivo.

Viver para além de existir, ser parte de ações que mudem o estado das coisas, que transformem os modos de ver e de se posicionar no mundo.

112

Campos desterritorializados

Desde o mestrado em Arte e Cultura Visual realizado na Universidade Federal de Goiás venho pensando nos atravessamentos entre docência e arte a partir do conceito de desterritorialização de Deleuze e Guattari (1996).

Para isso foi necessário imaginar a docência e a arte enquanto territorialidades. Haesbaert (2005, p. 20) amplia o conceito de território de um nível físico e biológico para um nível mais imaterial e simbólico. Nesse sentido, consigo compreender a docência e a arte enquanto campos territoriais.

Com a proposta de docência-artística a partir da desterritorialização, os campos de produção docente e produção artística são abertos para desterritorializarem-se e reterritorializarem-se em outro campo. Tudo isso parte de um esforço individual ou coletivo na tentativa de inventar uma



nova territorialidade que não se assemelha às territorialidades anteriores, mas que se produz pelos atravessamentos e se mantém aberta para continuar afetando e sendo afetada.

[...] não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares[...] (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41)

A desterritorialização é um movimento que acontece a partir do desejo de um indivíduo ou de um grupo de tramar um novo lugar de pertencimento. Desterritorializar a docência e a arte surge a partir dessa vontade de inventar uma territorialidade que seja permeada e atravessada por esses dois campos.

Portanto, se há o desejo de inventar uma docência-artística, a desterritorialização é a ação que movimentará a arte e a docência de seus lugares-comuns para reterritorializá-las nesse novo espaço.

113

Ainda que seja de modo provisório e instável, uma reterritorialização implica novas aprendizagens em outras partes, em outras relações. Sair de um território, deixar o que antes era seguro e familiar, romper com uma estrutura de vida até então estabelecida, tudo isto nos coloca em perspectiva, fazendo-nos questionar o que temos como certezas e investimento de nossos desejos. (NUNES, 2014, p. 387)

Buscar pela desterritorialização e pelos atravessamentos entre docência e arte é abrir-se para a possibilidade de experimentar modos de ser e de se tornar, mesmo que provisoriamente, outro tipo de professor(a), com características que fogem do modelo padrão, com transbordamentos que movimentem sua docência em direção à docência-artística.



Como todo esse processo depende do desejo e do esforço que parte de alguém ou de grupos específicos, não há um modelo que sirva de referência para todas as docências-artísticas. Cada um determinará a partir de seus repertórios como essa reterritorialização acontecerá.

Ou seja, todo esse processo implica em constituir-se professor(a)-artista carregando junto de si e deixando-se atravessar por experiências ao longo do caminho, desde a formação inicial, com as disciplinas, com os professores e com os colegas até uma formação continuada que pode acontecer em espaços formais ou informais, através das aprendizagens com os outros e com os espaços.

Isso significa que não são apenas duas territorialidades que se encontram para uma nova territorialidade, mas há múltiplos espaços que se cruzam e se conectam e fazem parte de nossas vivências e experiências, dos lugares que habitamos ou visitamos, etc.

A partir da reterritorialização para a docência-artística, carregamos também situações vividas em outras territorialidades profissionais, pessoais, afetivas, de viagens, de conversas com amigos, de visitas à exposições em museus, de filmes assistidos e de uma série de acontecimentos que perpassam nossas vidas.

De meu ponto de vista, a docência-artística pretende abraçar todas essas possibilidades, entendendo-as como modos de contaminações para uma formação artisticamente ampliada e poeticamente desenvolvida para os professores e professoras.

Haesbaert(2005, p. 19) pontua que há uma grande quantidade de territórios-rede que se conectam uns aos outros e que possibilitam o trânsito entre um território e outro. Por isso, para a docência-artística, ser uma territorialidade pertencente a uma rede de outras territorialidades faz com que



sua posição no mundo seja ampla, fluida e aberta para os atravessamentos.

Essas redes são entendidas enquanto propostas de integrações. Não estão teorizadas apenas para suprir necessidades da pós-modernidade, mas atuam como atravessadoras e fazem com que os espaços se encontrem.

Existem os espaços entre espaços e espaços dentre os espaços dos espaços. Existem múltiplas fronteiras difundidas de novo e de novo. E ainda assim, nós não descartamos os territórios que criaram e borraram o perímetro das fronteiras. (IRWIN, 2004, p. 32)

Nada está isolado no mundo. Todas nossas práticas estão imbricadas a outras situações e outros meios. Todos os campos de conhecimento recebem em menor ou maior quantidade informações, produções e acontecimentos que de diferentes maneiras atuam em seu corpo territorial e promovem movimentações e modificações.

115

Por isso, pensar a docência-artística como um campo reterritorializado, é compreendê-lo também como um espaço multiterritorial, que se alimenta e se atravessa em outros campos, que conecta-se em redes e passa constantemente por remodelações e adaptações.

Para seguir desterritorializando

Pode ser que tão breve os apontamentos que aqui escrevi sejam contaminados por outras falas, por novas percepções e ideias advindas de outros investigadores, de outros professores-artistas e de diversos espaços que participam de minhas vivências.

E é isso que espero, que as desterritorializações continuem acontecendo e promovendo novos modos de ser e de pensar a docência-artística. E que essas reflexões sejam



também disparadoras para outras pesquisas, para outras ponderações sobre o assunto e, se possível, para professores e professoras repensarem suas práticas de sala de aula e de suas constituições docentes.

Que este texto seja também uma provocação aos desejos de professores(as) de sair de seus estados comuns, de suas posições endurecidas para compreender a docência de maneira fluida, maleável e, principalmente, em constante devir.

Encerro esta escrita com a mesma sensação e questionamentos que tive ao começá-la: em que posição me encontro nesse momento? O que cabe vir ao texto? Posso dizer que mesmo depois de ter escrito centenas e milhares de palavras, ainda não sei dar uma resposta direta, mas sei que este texto é parte de mim, do que sou e do que busco ser e a posição da qual eu falo é a de um professor-artista e pesquisador.

Notas:

¹ Pesquisa em desenvolvimento no curso de Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, sob orientação de José António Marques Moreira e Jociele Lampert.

Referências:

- CORAZZA, Sandra M. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. *In: Revista Digital do LAV*. N° 8, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. *In: Anais da Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial*. Brasília, Ed. MI, 2005.
- IRWIN, Rita L. (2004). A/r/tography: A Metonymic métissage. *In: IRWIN, R.L.; DE COSSON, A. (Orgs.). A/r/thography: rendering self through arts-based living inquiry*. Vancouver, BC. Ed. Pacific Educationa Press, 2004. p. 27-38
- NUNES, Aline. Apontamentos sobre deslocamentos territoriais e suas ressonâncias na formação de professores. *In: Anais do 23º encontro da ANPAP - "Ecosistemas artísticos"*. 2014. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2014/ANAIS/Comit%C3%AAs/2%20EAV/Aline%20Nunes%20da%20Rosa.pdf> Acessado em: 13/01/2015
- OLIVEIRA, Thiago. Artistagens, escritura e pós-curriculo: bate-papo com Sandra Corazza. *In: Artíficos*. V. 3, n.5. 2013. Disponível em <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Entrevista%20Corazza.pdf> Acessado em: 10/02/2015



REVISTA APOTHEKE

ROMAGUERA, Alda. .e? e escrita e(m) educação. *In*: AMORIM, A.C.; MARQUES, D.; DIAS, S.O. (Orgs.) **Conexões**: Deleuze e vida e fabulação e... Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB, 2011.

Marcelo Forte

<http://lattes.cnpq.br/1214662166228179>

Doutorando em Estudos Contemporâneos pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Mestre em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Possui licenciatura plena no curso de Artes Visuais - Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria.